

FORMOSAS, PRENDADAS E PROFESSORAS: MULHERES E MAGISTÉRIO PRIMÁRIO EM PICOS – (1867 – 1930).

Jane Bezerra de Sousa (UFPI)

GT 11 - História, Memória Educação

Considerações iniciais

O trabalho pretende mostrar como ocorreu a relação mulher magistério na cidade de Picos (PI), já que durante muitos anos não só nesta urbe como também no Brasil, o espaço dos anos iniciais da escola era exercido por professores do sexo masculino. Pretende-se descrever aqui como se deu este processo em Picos, bem como a chegada das primeiras normalistas e sua ação docente aliada à criação do grupo escolar.

Utiliza-se como fontes as memórias da normalista Nevinha Santos, documentos oficiais do arquivo público do estado, notícias de jornais da época. Fundamenta-se a discussão em Lopes (2001), Vieira (2002), Almeida (1998), Cortez (2000), Freitas (2003), os quais realizaram estudos a respeito da história da educação local e regional, como também do tema mulher no magistério além da relação Normalista e grupo escolar.

O referencial teórico utilizado como instrumento de reflexão das práticas, da vida, do ofício, da competência, do pensamento e da sociedade em que estavam inseridas estas mulheres, é o da história cultural, uma vez que esta considera a história vista de baixo¹, em que não só os dirigentes da educação, ministros e teóricos como também alunos e professores são co-autores do processo histórico, sendo de máxima importância as recuperações de suas trajetórias. Além disso o resgate da história da mulher no magistério, que não foi revisitada por que muitas vezes a historiografia privilegiou outros grupos principalmente os que estavam ligados ao poder dominante.

Para compreender a presença feminina na educação picoense faz-se necessário reportar à história da educação no Brasil e entender os motivos que contribuíram para que a mulher fosse deixada à margem do processo educativo por longos anos.

Durante todo o período da Colônia (1500 a 1822) predominou no Brasil uma educação dirigida à elite e controlada pelos jesuítas. As atividades se resumiam à formação cultural da classe dominante e o processo de domesticação nas aldeias indígenas recém-convertidas ao catolicismo. Os receptores destes ensinamentos eram os indivíduos do sexo masculino, pois as mulheres permaneciam em casa saindo apenas para as práticas religiosas.

Com a Independência do Brasil em relação à coroa portuguesa o esforço do governo imperial deu-se no sentido de desenvolver o ensino superior. Em 1827, com a primeira Lei de Instrução Pública, autorizou-se escola para meninas que deveriam ser educadas por mestras, no entanto essa lei não teve eficácia. O ato adicional de 1834 estabeleceu que o primário e secundário seriam de responsabilidade das províncias, o que provocaria uma desigualdade nítida entre as regiões. Somente em 1835, foi criada a Primeira Escola Normal no Brasil destinada, em sua grande maioria, ao sexo masculino. Como mostra Freitas (2003, p. 37).

A escola Normal criada no século XIX, como espaço de formação de professores homens por falta de demanda de alunos do sexo masculino, abre-se aos poucos às mulheres órfãs e de honestidade reconhecida. Estas primeiras professoras perdem este

¹Cf. BURKE, Peter. A escrita da História. São Paulo: Unesp, 1992.

espaço para as moças de classe média. Nesse sentido, o trabalho no magistério primário é caracterizado como inerente às qualidades femininas e socialmente indicado para as mulheres.

O sexo feminino encontrava sérias dificuldades em ter acesso ao magistério, contudo, a partir da década de 40 do século XIX, entendeu-se que o magistério era uma função própria das mulheres, principalmente daquelas que não casavam, uma vez que o magistério era entendido como um sacerdócio. No final do Governo Imperial, no entanto, ainda predominavam os homens no magistério. Em Picos, são muitos os professores que atuaram neste período, ensinando as primeiras letras, dentre eles: Quirino Pereira Nunes, Manoel Madeira Batista, João Antonio dos Santos, Felix Veloso, Evaristo Velho, Miguel Borges Guarani.

Esta premissa de que as mulheres assentavam muito bem com o magistério já era uma constante na Europa no século XIX, como afirma Perrot (1998, p.105) “Dentre as primeiras profissões assumidas na França pelas mulheres, temos os ofícios ligados à educação e a formação: professora primária, bibliotecária, e antes de tudo, preceptora”.

Do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX ocorrem inúmeras mudanças com a implantação do regime republicano no país. No plano educacional oferecem-se mais oportunidades ao sexo feminino em virtude das idéias positivistas que, apesar de defenderem a superioridade moral das mulheres foram os que se insurgiram mais tenazmente contra o sufrágio, uma vez que este conspurcaria a alma e a pureza da mulher. O magistério Primário era a oportunidade que as mulheres possuíam para ingressar no mercado de trabalho ou como afirma Almeida (1998,p.30)

a possibilidade de aliar o trabalho doméstico e a maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que ser professora se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais.

Os estudos sobre a feminização do magistério, mais intensamente na República divergem. Alguns autores defendem a vertente que a inserção da mulher no magistério deveu-se a à ideologia da domesticidade e da submissão feminina, outros associam a desvalorização econômica e social da docência pois, pagar pouco, era um discurso bem dirigido às mulheres . Assim por vocação ou por não precisar ser bem remunerada, sobrou o silenciar de suas mazelas como bem explicita Cortez (2000,p.119)

Pois nessa extensão da maternidade e nesse vocabulário de abnegação e devotamento as professoras nunca tiveram formas e lugares de dizer dos seus demônios, da decepção, eventual ódio ao ofício, da mesquinha de seu entorno, ou simplesmente do seu enfado.

Com todas estas dificuldades um novo comportamento é esculpido na vida das mulheres. Era uma chance de possuir um lugar próprio no tecido social, uma aliança entre o desejo de desempenhar um trabalho remunerado com as aspirações afetivas que lhes foram legadas pela sociedade. Mesmo ganhando pouco, possuíam um pouco mais de liberdade, embora, severamente vigiadas. Outra vantagem era a forma de quebrar os grilhões domésticos e privados.

Os resultados que a feminização do magistério promoveu acentuam atributos de amor, respeito, vocação e competência, o que não retirou o conhecimento e a técnica necessários para o correto desempenho da atividade.

Em Picos, esse processo, ocorreu ainda durante o período imperial entrelaçando-se, neste ponto, com a própria história do Brasil. A cadeira de primeiras letras da vila dos Picos para o sexo feminino foi criada em 1867, sendo professoras desta cadeira: Mariana Joaquina d'Almeida Britto, Maria Antonia da Soledade Alvarenga e Antonia Maria da Conceição. A última denunciada pela Inspetoria Pública, devido seu comportamento moral, nunca comprovado de fato e reflexo do preconceito sofrido, como mostra em sua dissertação de mestrado Vieira (2002, p.16)

a situação vivenciada pela professora Antonia Maria da Conceição não se constituía num caso isolado peculiar aos padrões culturais do sertão Piauiense, mas reflete o preconceito comum nas sociedades androcêntricas em relação às mulheres que ousavam ultrapassar os limites impostos.

A primeira professora formada a atuar em Picos, segundo documento datado de 1894, foi Ana Clara de Lima Castro, pela Escola Normal Oficial de Teresina, entre 1882 e 1884. Como mostra Vieira (op.cit, p.17).

Acredita-se que a primeira professora formada a ministrar aulas na Vila dos Picos, tenha sido Ana Clara de Lima Castro que chegou na sede do município em 23 de março de 1886 acompanhando, conforme relato de Leão (1955), seu marido Joaquim das Chagas leitão que cumprindo ordens da presidência da província do Piauí, muda-se de Teresina para Picos com a missão de comandar o destacamento policial da referida localidade (...) que pode ser confirmado em documento datado de 1894 em que o Presidente do Conselho Municipal de Picos, Lourenço Pereira dos Santos, comunica ao governo do Estado Coriolano de Carvalho e Silva, quais os professores que estavam exercendo o magistério na respectiva cidade.

Outra mulher professora era Nhazinha Freire que mantinha uma escola particular, como bem coloca o Jornal, O Aviso de 15 de maio de 1918:

Collegio – Nhazinha Freire, científica aos Exmos. Senhores Paes de Família que, no dia 1º de junho abrirá um colégio para crianças do sexo feminino, em o qual lecionarão primeiras letras, funcionando em a casa de residência de seu pae Dr. Urbano Eulálio, à Rua da igreja, desta cidade.

Existe um vácuo, que requer um estudo mais profundo, entre essa data até 1929 em se tratando da presença de mulheres no magistério Picoense. Principalmente das que atuavam como mestres ambulantes, ensinando a ler, escrever e contar nas casas que lhes forneciam alojamentos e uma quantia irrisória por seu trabalho. Essa lacuna deve ser em virtude do esquecimento a que foi relegada a história das mulheres porque os historiadores e até mesmo a memória e a história oral não tiveram força suficiente para fazer tais fatos sobreviverem.

Em 1928, já com o crescente processo de interiorização do Grupo Escolar no Estado do Piauí, é criado o Grupo Escolar Coelho Rodrigues², na cidade de Picos, somente inaugurado em 1929, funcionou durante alguns anos numa casa alugada de propriedade do Senhor Raul Rodrigues, apenas em 1933 é que o grupo ganhará um espaço moderno e arrojado projetado pelo engenheiro Luís Mendes Ribeiro³, cravado no centro principal da cidade, antiga praça da bandeira e atual Praça Cel Josino Ferreira.

A criação do grupo Escolar requisiava a presença de normalista como assegura, Lopes (2002, p. 68).

Não podemos falar em Grupo escolar sem referência a professora normalista. O Grupo Escolar foi o lugar tomado como natural para ação dessa docente, que já detinha o direito exclusivo à efetividade no cargo. Escola modernizada e modernizante, tornou-se o espaço específico dessas professoras, postas pelo próprio sistema escolar como qualificadas para o exercício da modernidade e renovação das

²Com o Decreto no. 1006, de 3 de novembro de 1928.

³Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, engenheiro, secretário de obras do estado do Piauí, executou a planta das modernas instalações de Grupos escolares no Estado do Piauí.

práticas educativas no estado. Foram responsabilizadas por uma dupla redenção: do próprio professorado, pela elevação do nível técnico e cultural do mesmo, e do povo piauiense, que finalmente contava com um auxílio competente para deixar de ser inculto.

A primeira diretora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues foi a normalista Alborina Silveira Reis casada com o Senhor Basílio Reis que permaneceu pouco tempo na cidade, sendo desconhecido e passível de investigação os motivos de sua saída e do seu destino.

No mesmo ano de 1929 é que a presença feminina no Magistério terá maior ênfase devido à chegada das Três Normalistas vindas de Teresina, trazidas pelo Coronel Francisco de Sousa Santos⁴ para atuarem no recém-criado Grupo Escolar Coelho Rodrigues, ganhou esta denominação em homenagem a Antonio Coelho Rodrigues⁵. Nevinha Santos relata o momento da viagem em suas memórias

“Foi no dia 29 de janeiro de 1929 que acompanhada pelo poderoso chefe político do município, coronel Francisco Santos, um senhor austero, educado, simpático, que nos veio buscar em Teresina e assumir com nossas famílias de nos levar e ter conosco certas responsabilidades ... viajamos numa manhã chuvosa, e isso nos deixava tristes, pois ficavam para trás famílias, amigos, saudades. Um carro bem novinho, um FORD modelo 1929 ... na frente o Coronel, que sempre se voltava para trás para nos tranquilizar... às vezes dormíamos em tapetas até chegar seis dias depois ... a cidade era pequena, limpa, bonitinha cercada por morros muito verdes e um riozinho correndo por trás da imponente Matriz de Nossa senhora dos Remédios”

A chegada dessas três mulheres conduzirá Picos a uma verdadeira mudança em seus padrões de comportamento e vida cultural. Assim a consolidação da feminização do magistério em Picos se entrelaça com a estrutura de poder bem como com toda uma mudança no modo de viver da cidade, as roupas acima dos joelhos, o cabelo mais curto do que o convencional influenciaram toda uma população a ficarem nas calçadas para observarem o momento em que as professoras se dirigiam até o grupo para ministrarem suas aulas e ganharam a alcunha de “moças diferentes”.

Maria das Neves Cardoso Santos, Ricardina de Castro Neiva e Alda Rodrigues Matos Neiva, causam um verdadeiro espanto com a sua chegada, pois a urbe esperava três velhas de cabelos cumpridos e saias longas conforme descreve a própria Nevinha Santos em suas Memórias:

receberam três jovens moças quase meninas, com vestidos nos joelhos, cabelos curtos, decotes audaciosos, mangas bem cavadinhas, rouge, batom, alegres, saudáveis, felizes e um sotaque diferente. Foi um escândalo. As mangas cavadas e as axilas raspadas fizeram o maior comentário na cidade e circunvizinhas. Quando saímos à rua, alguns saíam de casa e outros ficavam nas portas e janelas para conhecerem as novas professoras, as moças diferentes, como chamavam.

A inauguração do Grupo Escolar Coelho Rodrigues foi em 15 de fevereiro de 1929. Logo após a inauguração as novas professoras começaram a trabalhar. Introduziram novos métodos de ensino, os alunos tinham aulas de Educação Moral e Cívica, aprendiam bons hábitos, bons costumes, noções de higiene, respeito às autoridades civis, militares e eclesiásticas, amar e respeitar a Deus e a Pátria. Na cidade a maioria das crianças de seis aos 14 anos eram analfabetas, foi feita uma seleção deixando os menores numa sala e os maiores

⁴ Francisco de Sousa Santos nasceu na fazenda Jenipapeiro em 20 de outubro de 1882, era filho do coronel Simpício Pereira dos Santos e de Antonia Maria da Conceição. Foi intendente Municipal de 1920 a 1924, nomeado 1º. Suplente substituto do juiz federal de Picos. Deputado estadual inaugurou a primeira luz elétrica e o Grupo escola Coelho Rodrigues.

⁵ Antonio Coelho Rodrigues nasceu em 1845 na fazenda boqueirão, foi juriconsulto, parlamentar, jornalista, deputado federal em 1874, senador e membro das comissões encarregadas de elaborar o Código Civil Brasileiro.

em outra, não levaram em conta a idade, pois todos estavam no mesmo nível e necessitavam de sobremaneira aprender a ler escrever e contar indistintamente.

Os assuntos eram explanados aos alunos que faziam suas atividades na escola. As professoras levavam os cadernos de atividades para corrigir em casa. No dia seguinte, chamavam os alunos um a um apontando erros e acertos. Ocorria uma conversa séria com os relapsos. Outra característica era a de que a professora acompanhava a turma de 1^a. A 4^a. Série. Quando um aluno ficava reprovado nos exames finais ele repetia o ano já com uma outra orientadora.

O Currículo tinha ênfase positivista, seguia o regulamento de 1910⁶ exacerbado patriotismo, pois todos os dias se cantava o hino nacional e no fim o hino da bandeira ou do Piauí. Os alunos aprendiam a ler e a escrever, contar noções de bons costumes, a tornarem-se alegres, comunicativas e com a higiene que era necessária ter.

As professoras ganhavam naquela época duzentos e onze mil réis, pagavam a pensão, trabalhavam bem vestidas e se casaram com os rapazes das famílias mais abastadas da região. O consórcio trouxe o enleir da profissão com a estrutura de poder, assim por vezes assumiam cargos públicos, ora de diretora do grupo, ora Primeira dama, nos casos de Ricardina de Castro Neiva que teve seu marido, Dr. Antenor Neiva⁷ Prefeito em 1929 e 1930 assumindo neste período a direção do grupo Escolar e de Nevinha Santos, que teve seu marido, Adalberto de Moura Santos⁸ prefeito de 1938 a 1945, tornando-se diretora do Grupo por todo o período.

No ano de 1930 chega ao município de Picos, Raimunda Portela Lima Cardoso ampliando o quadro de Normalistas do Grupo Escolar Coelho Rodrigues que também contava com a Professora leiga Maria do Socorro Santos. Veja o reconhecimento do trabalho destas mulheres professoras no livro do Conselho Popular de inspeção⁹, redigido pelo inspetor Manoel Felício Pinto em 26 de julho de 1933.

De passagem por esta cidade com destino a capital do Estado, a objeto de serviço Público, tive ensejo de espontaneamente e em companhia do meu distinto colega. Dr. Milciades Lopes, digno juiz de direito da Comarca, visitar o Grupo Escolar Coelho Rodrigues que é dirigido pela Professora Normalista Ricardina de Castro Neiva coadjuvada pelas suas colegas também normalistas, Exmas. Senhoras Donas – Alda Rodrigues da Mata Neiva, Maria das neves Cardoso Santos, Raimunda Portela Lima Cardoso e senhorita Maria do Socorro Santos.

Nessa ocasião funcionavam as aulas de todas as classes. Percorrendo-as, estive demoradamente em cada uma delas, assistindo as provas orais a que foram submetidos pelas respectivas professoras e de acordo com o programa adotado – vários de seis alunos, e examinando numerosos trabalhos executados com estes, como escrita, desenho, pintura, bordado, costuras, etc. Tudo o que vi e ouvi com satisfação, neste templo em que se prepara a mocidade para a luta pela vida – além de ordem e bom gosto – traduzia seriamente a competência e a dedicação de todas as suas ilustres professoras e avançado adiantamento de seus dignos alunos. Tendo o que ouvi e vi é

⁶ Pelo Regulamento de 1910, as disciplinas eram: leitura, escrita, gramática, caligrafia, aritmética, Geometria, geografia geral, Geografia do Brasil, Noções de Ciências Físicas e Naturais, Música, desenho, Ginástica, Trabalhos Manuais e exercícios militares.

⁷ Antenor Martins Neiva - Primeiro Médico de Picos, responsável na sua gestão pela criação das escolas nos povoados de Bocaina, Riachão, Genipapo e São Luiz

⁸ Adalberto de Moura Santos, filho do Coronel Francisco de Sousa Santos, nasceu em 10 de janeiro de 1908, foi prefeito de Picos entre 1938 a 1945, conhecido pelo grande acervo de obras executadas no município, dentre elas a Praça. Félix Pacheco, Jornal, a ordem, Banda de Música Municipal e a obrigatoriedade da execução dos hinos Nacional e do Piauí nas escolas Públicas, dentre outras.

⁹ O Conselho foi criado em 1932, era composto pelo juiz de direito interino da comarca José Balduino de Barros, Coronel Francisco de Sousa Santos, Luis Martins dos Santos e Alda Rodrigues Neiva.

também a prova eloqüente de que no grupo escolar Coelho Rodrigues se trabalha, se ensina, se estuda e se aprende.

O trabalho das normalistas era reconhecido não somente na cidade que as admirava e de certa forma promoveram uma visão romântica de uma época, contudo essa visão não era apenas típica do município, e sim um comportamento ocorrido no Brasil à cerca do que era ser normalista e isto pode ser notado nos poemas, versos e canções entoados na época enaltecendo a figura da professora normalista, como na música Normalista de autoria de Benedito Lacerda e David Nascier, cantada em todas as rádios da época na voz de Néelson Gonçalves:

Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
Num rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor
Eu que trazia fechado
Dentro do peito guardado
Meu coração sofredor
Estou bastante inclinado
A entregá-lo ao cuidado
Daquele brotinho em flor
Mas a normalista linda
Não pode se casar ainda
Só depois que se formar
Eu estou apaixonado
O pai da moça e zangado
E o remédio é esperar.

A atuação das primeiras normalistas vindas de Teresina acendeu uma vontade inóspita de mulheres filhas da terra de se dirigirem para outras localidades a fim de ampliarem seus estudos, e nos anos seguintes retornarem a Picos para exercer o magistério. Como por exemplo Adalgiza Nunes de Barros e Maria Luiza Maia e Silva. Como noticia o jornal O aviso de 15 de março de 1930

Normalistas – No mesmo dia e com o mesmo destino seguiram as formosas e prendadas senhoritas Adalgiza Nunes de Barros e Luiza Maia e Silva, inteligentes e aplicadas segundannistas da Escola Normal, as quaes passaram as férias no seio das respectivas famílias nesta cidade.

As futuras preceptoras picoenses, que, pelas suas bellas e alevantadas virtudes de esperito e coração, desfructam de largo e selecto círculo de sympathias em o nosso meio social, mandamos, com os augúrios de brilhante tirocínio no respectivo curso, votos de feliz viagem.

Adalgiza Nunes de Barros, ao se tornar professora Normalista retorna a Picos e assume a organização do Museu Escolar, conforme telegrama nº.578 de 21 de Junho de 1936, do Diretor de Departamento de Ensino. Trabalhou poucos anos no Grupo, em um dos cursos de aperfeiçoamento de Professores promovido no governo de Landri Sales em belo Horizonte, conheceu um piloto de avião da Alemanha que residia no Rio Grande Do Sul, casaram-se e esta foi residir no Rio de Janeiro, no Leblon até os dias atuais

Lilá, como era conhecida a Professora Luiza Maia e Silva atuou no Grupo até 1942, quando faleceu no parto.

Os tempos áureos de Grupo vão perdurar até final da década de 1940, quando os primeiros indícios de descaso do governo começam, a falta de professores qualificados, a falta de carteiras, materiais e o próprio descuido com o prédio escolar, como pode ser notado na última inspeção de Dezesseis de outubro de 1954, pelo Inspetor Eras Souza Borges:

Visitei o grupo escolar Coelho Rodrigues, quanto ao aproveitamento considero regular, quanto ao estado do prédio escolar, acho péssimo, quanto a pobreza é como

os outros grupos do estado. Em Teresina Farei o possível no sentido de melhorar ao menos em parte esta situação.

É necessário que as professoras cooperem com a diretora no sentido de serem promovidas festas para adquirir dinheiro e por conseguinte sanaremos a grande falta de material de 1ª grandeza.

Considerações Finais

Atualmente na cidade de Picos, assim como em todo o País, realmente o ensino fundamental, antigo ensino primário têm sido ministrado em sua maioria pelas mulheres, uma característica ainda reinante, tanto nas escolas públicas como privadas, sendo, portanto ainda estranho para muitos quando um homem atua neste nível de ensino, estas mulheres professoras são as principais responsáveis pela instrução e formação das crianças desde os seus primeiros anos de escola. O romantismo criado acerca da normalista já não existe mais, uma vez que a escola normal sucumbe diante de tantas leis que por si só não se definem e provocam a falta de identidade das Escolas Normais. O Curso Normal superior criado na última LDB 9394/96 também não se definiu sendo uma dúvida constante para àqueles que cursam qual é realmente o seu verdadeiro papel na educação.

O mais importante disso tudo é que estas mulheres que atuaram no magistério Picoense na época em questão colocaram de sobremaneira toda a sua vocação, ou por paixão ou por um mero cumprimento de deveres impostos, formaram cidadãos, modificaram hábitos, fizeram parte da sociedade e orgulhavam-se do papel que desempenharam, no que se concretiza na frase de Nevinha Santos “ adorei ser professora”. Pode até ser uma visão romântica, mas retrata muito bem, uma época em que a professora primária imperava no contexto social como educadora, preceptora, mãe e amiga dos seus alunos. Tendo ainda o respeito e admiração de todos na cidade.

As condições ainda são adversas para muitas das mulheres professoras, que se concretiza no descaso do poder público, na dupla jornada de trabalho evidenciada com a coexistência da profissão, marido e filhos. A fé e a esperança e, sobretudo, a paixão coexistem na alma da mulher, fazendo-a permanecer em sala de aula, vencer batalhas, inclusive as de sua ausência na história da educação.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e Educação a Paixão pelo Possível*. São Paulo: UNESP, 1998.

BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992

CONSELHO POPULAR DE INSPEÇÃO- Grupo Escolar Coelho Rodrigues – Museu Ozildo Albano.

CORTEZ, Maria Cecília. *Escola e Memória*. Bragança paulista: EDUSF, 2000.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Vestidas de Azul e Branco*. São Cristóvão(SE):UFS, 2003

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. *Superando a pedagogia Sertaneja: Grupo Escolar, Escola Normal e Modernização da Escola Primária Pública Piauiense (1908 – 1930)*2001.225f. Tese(Doutorado em educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

MEMÓRIAS DE NEVINHA SANTOS: Jornal Meio Norte, Teresina, Setembro de 1997

PERROT, Michel. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.

VIEIRA, Alveni Barros. *Educação e Sociedade Picoense de 1890 a 1930*. 2001 Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Piauí.

O Aviso, Picos, 15 de março de 1930.

O Aviso, Picos, 15 de maio de 1918.